

VEGETAÇÃO DO CÓRREGO CARACU, PORTO RICO, PARANÁ: FLÓRULA ARBUSTIVA

Geovana Gentilin Martins (PIBIC/Uem), Larissa Carrara Gonçalves (Co-autora), Mariza Barion Romagnolo (Orientador), e-mail: mbromagnolo@gmail.com, Kazue Kawakita (Coorientador)
Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Biológicas /Maringá, PR

Botânica – Sistemática

Palavras-chave: Florística, arbustos, planície de inundação do alto rio Paraná.

Resumo:

Inserida no bioma Mata Atlântica e na região fitogeográfica da Floresta Estacional Semidecidual a mata encontrada ao longo do Córrego Caracu, afluente do Rio Paraná, é uma Área de Preservação Permanente sendo de extrema importância o conhecimento da sua vegetação. O objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento florístico para analisar a flora arbustiva do córrego Caracu. Foi coletado amostras de ramos reprodutivos de cada espécie, posteriormente o material foi processado e identificado a nível de família, gênero e espécie. As 178 espécies fanerógamas encontradas foram distribuídas em 52 famílias cuja, Fabaceae foi a mais representativa, com 32 espécies, seguida de Poaceae com 27 e Asteraceae com 22 espécies. Dessas, 155 são nativas, 21 são naturalizadas, 2 cultivadas e 5 são consideradas endêmicas.

Introdução

A Mata Atlântica é considerada a segunda maior floresta tropical úmida em território brasileiro totalizando 1.315.460 km² e representa o terceiro o bioma em extensão no Brasil, totalizando uma presença de 15% do território nacional, passando por 17 estados brasileiros. Dentre as florestas constituintes no bioma Mata Atlântica, a Floresta Estacional Semidecidual, na qual a vegetação ripária ganha destaque, tendo em vista que, por sofrerem influência do rio ao qual ela pertence, essas formações vegetacionais apresentam características, diversas da vegetação adjacente (SOUZA et al., 2005).

O conhecimento da vegetação de um determinado local, é de extrema importância, pois além de contribuir para a formação climática, contribui para o solo e para o estudo das relações ecológicas presentes em um ecossistema (VAZZOLER; AGOSTINHO; HAHN, 1997). Neste contexto estudos com ênfase em florística, pode fornecer informações essenciais a respeito da composição da flora de uma determinada área. As plantas coletadas nestes levantamentos são depositadas na forma de exsicatas em herbários, esse material constitui uma base para o avanço de outros

estudos, como taxonomia, ecologia, distribuição geográfica ou ainda para reflorestamento de áreas degradadas (SOUZA, 2014).

Tendo em vista que a degradação de formações ciliares é fruto da expansão desordenada das fronteiras agrícolas e que esta tem se caracterizado pela inexistência do planejamento ambiental prévio, áreas que deveriam ser preservadas em função de suas características ambientais ou legais até hoje apresentam-se em processo de degradação. Dessa forma as de Áreas de Preservação Permanente (APPs) apresentam-se como áreas protegidas, cobertas ou não por vegetação nativa que desempenha função de preservar recursos hídricos, a paisagem, a biodiversidade e a estabilidade geológica, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e ainda assegurar o bem-estar das populações humanas.

A mata encontrada ao longo do Córrego Caracu, afluente do rio Paraná, situada no Município de Porto Rico ao lado da Base Avançada de Pesquisa do Núcleo de Pesquisas em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura (NUPELIA), é definida como uma Área de Preservação Permanente sendo de extrema importância o conhecimento da vegetação existente em suas margens. Mesmo com vários estudos realizados a respeito da composição florística e vegetação da planície de inundação do alto rio Paraná por pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá, dentro de um projeto de longa duração – *Peld sítio 6*, ainda falta estudos relacionados a flora arbustiva presente na vegetação ripária do Caracu.

Tendo em vista o importante papel ecológico das Área de Preservação Permanente, a preocupação com o nível de degradação das áreas que margeiam os rios, córregos e lagos e a riqueza de estudos somente voltados para a composição arbórea do córrego, o presente trabalho objetivou estudar a composição florística arbustiva da vegetação ripária em diferentes pontos localizados por toda extensão do Caracu.

Materiais e métodos

A área estudada foi a vegetação ripária do córrego Caracu (22°45' S e 53°15' W), afluente de pequeno porte localizado na margem esquerda do alto rio Paraná Brasil, conhecida como planície de inundação do alto rio Paraná (PIAP)

A cobertura vegetal é Estacional Semidecidual Aluvial, caracterizada sempre por estar presente nas planícies e em alguns terraços mais antigos nas calhas dos rios (IBGE, 2012). O clima da região, acordo com Koppen é Cfa (clima subtropical sempre úmido com verão quente).

Para a realização do levantamento florístico, foram realizadas coletas no período de agosto de 2016 a julho de 2017, coletando amostras de espécies reprodutivas O material coletado foi processado de acordo com as técnicas usuais de herborização (FIDALGO; BONONI, 1989) e acervados Herbário de Vegetação Ripária do Nupelia (HNUP). Também foram analisados materiais coletados anteriormente na área de estudos, para isso foi efetuado uma revisão na coleção do HNUP.

A identificação do material botânico foi realizada no laboratório de Vegetação Ripária do Nupélia por comparação com materiais já

incorporados no herbário. Alguns materiais foram enviados a especialistas para confirmação da identificação. A escrita dos nomes científicos e dos respectivos autores, bem como a origem, endemismo, porte e substrato foram determinados e conferidos pelo site Flora do Brasil.

Resultados e Discussão

Após a análise da listagem de espécies encontradas dentro do grupo das fanerógamas (Tabela 1), foi possível registrar 143 táxons, distribuídos 35 famílias, 90 gêneros e 113 espécies. Dentre as famílias analisadas, Asteraceae foi a mais representativa, com 18 espécies, seguida de Euphorbiaceae com 11 e Fabaceae com 14 espécies. Já entre os 90 diferentes gêneros analisados, *Piper* foi o mais numeroso (seis espécies), seguidos de *Solanum* (cinco espécies cada) e por fim *Ludwigia* (quatro espécies cada). Inseridas nas 113 espécies, 102 são nativas, 9 são naturalizadas, 2 cultivadas e somente 2 são consideradas endêmicas.

Embora sua ocorrência seja com maior frequência em formações abertas como cerrado, em florestas secundárias, as quais já sofreram interferência e encontram-se em estágio de regeneração, as Asteraceae podem ser relativamente comuns, principalmente espécies arbustivas ou arbóreas de *Vernonia*. A porcentagem de espécies de Asteraceae totalizou 16% do total de espécies coletadas, diferentemente de coletas realizadas no ano de 2015 e 2016 de espécies do hábito arbóreo que se encontram no HNUP, cujo foi encontrado maior ocorrência da família Fabaceae (18%).

De acordo com Campos (1197) a vegetação natural restante da região noroeste do Paraná totaliza 1% e cerca de 0,83% no sul do Estado do Mato Grosso do Sul, resultado da intensa antropização na região, desmatamento, avanços desordenados da agropecuária e urbanização. Essa interferência no meio natural, pode ser observada também na área localizada a margem direita do córrego Caracu, que devido a intensamente exploração com pastagem de bovinos e, recentemente (há cerca de um ano), isolamento com cerca de arame, encontra-se em monitoramento vegetal, visto que é uma área de vocação natural para formação florestal.

Para realização do correto manejo florestal como um todo, principalmente em estudos de regeneração natural, de sucessão e de dinâmica de populações de plantas são utilizados estudos das espécies florestais de hábito arbustivo, visto que, além de apresentar uma rica abundância de espécies, essas plantas de menor porte, apresentam sensibilidade que são manifestadas pelas variações microclimáticas e manifestações pertencentes ao solo. (AZAMBUJA et al., 2007).

Conclusões

Além de conhecer a abrangência, variedade e diversidade de espécies constituintes do córrego Caracu, após a realização desse trabalho foi possível concluir que embora a maioria dos dados atuais apresentem somente resultados referentes a levantamentos florísticos de espécies arbóreas, as espécies arbustivas possuem papel fundamental dentro de uma

vegetação ripária tendo em vista sua maior sensibilidade a variações e ainda seu papel protetor do rio.

Agradecimentos

A Fundação Araucária por incentivar a pesquisa, minha orientadora e coorientadora pelo auxílio e aprendizado e à organização do evento.

Referências

AZAMBUJA, B.O.; GABRIEL, C.; GIEHL, E.L.H.; EISINGER, S.M. Estrutura do componente arbustivo de uma Floresta Estacional no Sul do Brasil.

Revista Brasileira de Biociências, v. 5, n. 2, p. 768-770, 2007.

IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro.: IBGE, 2012. 271 p. Disponível em:

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63011.pdf>

>. Acesso em: 20 jun. 17.

FIDALGO, O. & BONONI, V.L.R. (Coord.) **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1989, p. 62

SOUZA, M.C de et al. Vegetação ripária (mata ciliar). In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Nupelia/PELD. **A planície de inundação do alto rio Paraná**: Site 6 PELD/CNPq - Relatório anual 2005. Maringá, 2006.

Disponível em:

<http://www.peld.uem.br/Relat2005/pdf/19_VegetacaoRiparia2005a.pdf>.

Acesso em: 18 fev. 2017.

VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S. **A Planície de Inundação do alto Rio Paraná**: Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1997. 460 p.